

# AMOCIDADE

HEBDOMADARIO SCIENTIFICO E LITTERARIO

## COLLABORADORES

Accacio Borges—Albano Coelho—A. V. Cid—Dr. Alves Mendes—Dr. Alves da Veiga — Antonio Fogaca — Antonio Pleias—Augusto de Castro—Augusto de Mesquita—B. Caldas—Bernardino de Senna Freitas—Dr. Delfim de Carvalho—Candido da Cruz—José Alves de Faria—F. C. Vasques—Ernesto Leitão—Francisco Bastos—Ignacio Carneiro—Joaquim José Martins J. C. V.—Armelim Junior—Dr. Pereira Caldas—Pinto da Rocha—Sebastião Pereira da Cunha—Silvestre Falcão—Joaquim Alves da Silva—Dr. Antonio Julio de Miranda—Dr. José Maria de Figueiredo, etc. etc.

## SUMMARIO

*Chronica* por Pírolito. *Monoculando* por Barnabé Comvoz. *Impassivel* por Francisco Bastos, *Os Achantis* por F. C. Vasques. *D. João* por Augusto de Mesquita (Sciencias) *Origem dos fermentos* por A. V. Cid. *Telegraphos e telephones* por dr. Pereira Caldas. *Secção de Xadrez* Passatempos (Em familia) *Decifrações*. Errata.

## CHRONICA

E lá vae o 86, todo cheio de peripecias!

E' Capello e Ivens atravessando a Africa sem darem um tiro; é o casamento do principe real apresentando-nos festas para todos os gostos, dando feriados aos estudantes, fazendo-os pensar n'um perdão d'acto, tirando a S. A., o mano, as esperanças de poder chegar um dia a ser rei e, ao reino, mais uns tantos contos para alliviar o povo, que estava sobrecarregado com elles; é mais uma expedição ao Continente Negro, de Serpa Pinto e d'um outro, cujo nome não me occorre agora; é a inauguração do taboleiro superior da nova ponte Luiz 1º, que liga o Porto a Villa Nova de Gaya; é a barca *Marianninha* dando um salto mortal e tomando um mergulho nas aguas do Douro, levando comsigo uns tres pobres marinheiros que passaram d'esta para melhor; é um abalroamento, no Tejo, entre dois vapores dando bilhete de primeira classe para o reino da lua a umas sessenta pessoas; é o projecto d'uma torre monstruosa, que se deve começar a construir para se inaugurar em 89, pela occasião da exposição universal de Paris; é a expulsão, de França, de toda a familia de Orleans; é o assassinato do bispo de

Madrid por Galeote; é o nascimento, em Hespanha, d'um *bebé-rei*, que veio alegrar em extremo todos os espanhoes; é a revolução em Madrid capitaneada pelo brigadeiro Villacampa; é a descoberta de viver sem comer por Succi e Merlati; é a revolução na Bulgaria, depondo o principe Alexandre, obrigando-o a fugir de Sophia quasi que em trajes menores, originando em seguida uma *jiga-joga* de revoluções e contra revoluções, d'uns tons de comedia, para a definitiva deslithronisação de Alexandre e para a eleição d'um principe novo; é, finalmente, mais um anno que passa em que se encontra de tudo, como na pharmacia, festas, desastres, assassinatos, revoluções, casamentos, projectos de muita coisa, inaugurações, expulsões... o diabo a quatro.

Até eu, rapaz imberbe, este anno, quiz sahir do ovo e deitar-me aos mares, fazendo de Dante e de Petrarcha com a minha *ella*, que reuna os nomes das *aquellas* dos dois poetas italianos.

Eu, quando a via toda elegante, muito branca, muito loira, muito poetica e tão bem *feitinha*, tinha umas tentações de lhe escrever, de lhe fazer uma declaração em prosa, um pouco realista, pondo de lado todos os arrebiques de sentimentalismo poetico.

Andava completamente *embeijado*, *à corda*, como se costuma dizer.

Gastei seguramente uns quinze dias a fazer a epistola amatoria e, outro tanto tempo, andei com ella no bolso sem me atrever a mandar-lh'a. Era amor *incubado*...

Afinal, que desapontamento o meu! alem de ser despresado, fui ainda por cima troçado.

Vêde, leitoras queridas, como uma de vós, foi cruel com o pobre Pírolito!

Depois d'isto, imaginai como poderei estar disposto para vos dar as boas festas. Estou furo, furioso, e, apesar de estar n'este estado, hei de me curvar deante de vós e dizer-vos com um risinho nos labios —*tenham muito boas festas, minhas senhoras e meus senhores!*

Pois não?!... Agora digo... Achei um meio para cumprir a minha obrigação e para satisfazer o proprietario d'este semanario:

## A MOCIDADE

Ellos seus amigos, assiguantes e  
collaboradores distinctos  
deseja as

BOAS FESTAS

e não digo mais nada.

Passem muito bem.

Barcellos 1.º de Janeiro de 87.

Pirolito.

## MONOCULANDO

(DO PORTO)

Antes da chronica, acceitem, leitores, as boas-festas d'este Barnabé, escriptor.

Hoje, mais que nunca, havia assumpto para fazer uma chronica, mas chronica funebre, cheia de commoções violentas e descripções horrorosas, mas, amavel leitora, não é intento meu fazer com que dos vossos olhos caiam sobre este jornal as lagrimas sinceras, geradas pelos sentimentos nobilissimos que vos povoam a alma.

Limitar-me-hei a traçar rapidamente as noticias que a *reportage* lisbonnense nos transmitta com todos os pontos e virgulas.

Lisboa acaba de soffrer dous grandes choques mo-raes, a catastrophe do Tejo e o incendio na rua dos Correeiros.

O primeiro, a submersão d'um vapor de grande lotação, ás 4 horas da manhã, devia ser imponentemente horrivel, o segundo, um predio destruido completamente pelo fogo, em menos de duas horas, devia ser mefistofelicamente triste.

Mas ponto n'este assumpto, e fallemos de theatros, que é o que mais interessa.

A epocha lyrica principiou finalmente n'esta terra de honroso titulo, e, por signal, que bem mal.

O Rigolletto, essa bella composição, foi pessimamente cantada por parte do tenor que estava muitissimo incomodado.

Não podémos assistir á 1.ª recita, mas fomos ouvir a segunda. N'esse dia, o tenor, mais doente ainda foi d'uma infelicidade pasmosa.

O primeiro acto passou, e sem que o publico se manifestasse, no segundo, porem, como houvesse por vezes uma desafinação, alguns espectadores mais entendidos riram-se. Houve no entanto alguém que, não entendendo nada de musica, nem sabendo talvez quantas linhas e quantos espaços há na pauta, se lembrou de dar umas patadas.

O resto, porém, da plateia que sabia dar o desconto ao tenor, fez callar o tal peralvilho com um prolongado schiu, que o fez embatocar.

Antes de principiar o terceiro acto, o tenor veio pedir desculpa ao publico, que o saudou com uma salva de palmas, bem como no 4.º acto na canção =*La donore e moble*=.

A dama bem; e, além d'isso, tem o grande condão de ser nova, bonita e possuir uns olhos negros e bellos como dous soes.

O barytono muito regularmente, mais cantor do que actor. Se soubesse alliar ao canto um jogô de scena mais correcto, poder-se-hia chamar um optimo artista, assim limitar-me-hei a dizer, bem bom.

O resto, assim, assim. O basso um pouco incomodado, não pôde dar tudo o que deve dar, comtudo bem regular.

Os coros esses é que... valha-nos Deus!

Esperemos, pois, que a companhia leve o Fausto para dizer mais alguma cousa.

A respeito dos mais theatros, sempre o mesmo para variar; no Principe Real «Grã-Duqueza», no Baquet «O ovo da galinha pinta».

D'estas duas peças já o leitor deve ter conhecimento pelos jornaes diarios, d'esta terra que largamente se occuparam do assumpto.

No Camões, foi ultimamente a «A ave negra», uma peça phantastica de grande espectáculo, que tem chamado áquelle theatrinho popular grande quantidade de espectadores.

Nos Recreios, «A coroa de fogo», do nosso collega Borges d'Avellar, uma magica, bem escripta e regularmente desempenhada, que promette á empreza grandes lucros, visto o bom acolhimento que teve.

E, como já tenho cheio o espaço de que podia dispôr, até á semana leitora gentil e respeitabilissimo leitor, em que tratarei rapidamente dos livros e jornaes ultimamente apparecidos.

Que tivessem boas saidas do 86 e melhor entradas do 87, é o que lhe deseja o

Porto.

Bernabé Comvóz.

## IMPASSIVEL

Quando me vês sorrir, ficas contente,  
quando me vês entristecer, tu choras,  
bem sei, ó meu amor, quanto me adoras,  
quanto me estima o teu olhar clemente.

Mas que magoa não é, continuamente  
ter-te nos braços, conchegar-te ao peito,  
e ver-te o rosto angelico e perfeito  
sempre bondoso e sempre indifferente.

Eu te lamento, estatua sem desejos!  
Nunca te aqueçe o fogo de meus beijos,  
nunca se inflama a tua bocca breve!

Ai! de que serve, ó meu cruel thesoiro,  
de que me serve essa tua alma d'oiro,  
se a tua carne é fria como a neve.

Coimbra, 1886.

Francisco Bastos.

## OS ACHANTIS

### OS SEUS HABITOS E COSTUMES

(JULES GROS)

CAPITULO I

#### Do governo e Justiça

(Contin. da pagina 3)

As punições não variam muito; a morte é a sentença mais commum. Muitas vezes, todavia, o ouro ou empenhos podem salvar, em certos casos, um accusado.

Mas, quando o crime é muito grave, as intrigas e tentativas de corrupção de nada servem. O culpado é executado, sem remissão.

O rei tem o direito de perdoar a seu bel-prazer.

Os castigos secundarios consistem na amputação; ou d'uma orelha, ou dos labios, ou do nariz e, algumas vezes, de todas estas partes ao mesmo tempo.

Um dia, encontrei em Assoutchué sete mulheres que iam para o mercado; entre ellas iam cinco com o nariz, labios e orelhas cortadas. E' o castigo por insolencia, por calumnia, por maldecencia, etc. Infiige-se igualmente, por adulterio, á mulher quando o marido não quer a sua morte. O homem convencido d'este crime é condemnado á morte ou feito eunuco publicamente, sendo depois entregue ao rei para servir no serralho.

Concede-se sempre aos accusados todos os meios de defeza que desejem. Têm a liberdade de escolherem os seus advogados. Muitas vezes, um individuo, um estranho, um chefe mesmo pode tomar o partido

do accusado e advogar a causa como se fosse sua. Os condemnados á morte são, ás vezes, executados immediatamente. Muito perto do palacio existe um lugar de execução cercado por seis ou sete arvores, onde são mortos os condemnados apóz a sahida do palacio real. Mas, outras vezes, são novamente confiados a guardas até que o rei decida da sua sorte.

As victimas nunca são prevenidas da hora da execução. São sacrificados, ou quando o rei se diverte, ou em epochas em que se costumam immolar as victimas humanas.

A qualquer hora do dia ou da noite, no momento em que menos o esperam, os executores agarraram-n'os pelo pescoço, fazendo todo possivel para que não possam pronunciar o juramento do rei; porque, se tiverem tempo de pronunciarem a formula, adquirem o privilegio de serem fusilados em vez de decapitados. Ligam-lhe depois as mãos atrás das costas e conduzem-n'os para o lugar da execução, onde o carrasco lhes corta a cabeça com um machado.

Dizem que os executores são muito destros. Muitas pessoas affirmaram-me terem visto cahir a cabeça ao primeiro golpe. Mas nem sempre acontece assim, porque as victimas são, ás vezes, entregues ás mãos de executores de dez a doze annos, que gastam muito tempo a separar a cabeça do tronco.

(Continua)

F. C. Vasques.

## SCIENCIAS

### ORIGEM DOS FERMENTOS

(Contin. da pag. 15)

Pasteur, que encarou o problema sob as suas multiplas faces, variou engenhosamente as experiencias; porisso procedeu á seguinte.

Tirou da estufa, onde já permanecia ha muito o balão da experiencia antecedente, incapaz, como vimos, de gerar a vida, e adoptou ao collo afilado um largo tubo de vidro, de 10 a 12 millimetros de diametro, que abriga um pequeno vaso, cheio de pedacços d'algodão empoeirados. Este pequeno vaso desloca-se facilmente dentro do tubo.

Por sua vez, o tubo de vidro communica com outro de 3 torneiras, que estabelecem relações, a 1.ª com a machina pneumática, a 2.ª com o balão por intermedio do tubo de vidro e, finalmente, a ultima com um tubo de platina, parte extrema do apparelho.

Este tubo de platina assenta sobre uma grade de combustão.

Como preliminar da experiencia, opera-se o vacuo, abertas a 1.ª e 2.ª torneiras. Abre-se em seguida a 3.ª que dá franca entrada do ar, mas calcinado. Para evitar erros, esta alternativa—fazer o vacuo e dar

acesso ao ar—era repetida varias vezes. E' agora occasião d'esmagar o collo afilado do balão, o que se pratica atravez do tubo de caoutchou que calafeta a primeira junta, bem como succede com as outras.

Aberta esta porta d'entrada, até aqui cerrada, facil é a penetração, por ella, do algodão, *planeta dos infinitamente pequenos*, no recinto defeso ainda ha pouco a qualquer especie viva.

Pára aqui toda a apparatusa experiencia.

As conclusões a que chegou Pasteur, são os mais harmonicas com a cautelosa disposição de todas as partes do apparatuso, que era incompativel com as causas d'errores. Pasteur observou constantemente: 1.º que nos balões de liquidos organicos, onde a poeira athmospherica era introduzida, a appareição de organismos necessitava o mesmo tempo, como se a agoa de levadura assucarada fôsse exposta ao ar livre; 2.º que as produções organisadas eram exactamente da mesma natureza das que apparecem no balão exposto ao ar livre.

Estas conclusões são applicadas estritamente, quando, em vez de se usar da agoa de levadura assucarada, se opera, em eguaes condições, com a urina.

Repita-se, porem, a mesma experiencia com o leite, e ver-se-ha com surpresa que, não obstante a observancia de todos os extremos cuidados, que tanto caracterizam as experiencias de Pasteur, o leite coagulará e se putrefará sempre, ao mesmo tempo que a pullulação de numerosos vibrões e bacterias é clara, juncta á diminuição do oxygenio contido nos vasos.

Onde está o motivo d'esta excepção?

Pasteur, que, ao tomar conta d'esta empreza tão espinhosa, não trepidou perante as suas asperezas, mais uma vez entra no verdadeiro caminho, o da experimentação, para se apossar do segredo.

No leite entram germens de vibrões que resistem a 100.º c: tal é o pensamento de Pasteur.

Eleve-se, portanto, a temperatura que elles se destruirão; Pasteur, em face d'isto, faz ferver o leite não a 100.º e á pressão ordinaria, mas a 110.º c. e á uma pressão superior, e verifica que os balões, preparados d'este modo, conservam indefinidamente a inalterabilidade sem a minima produção de cogumelos ou infusorios.

Não se julgue que esta productividade a 100.º deseja exclusiva do leite; a agoa de levadura assucarada, se fôr neutralisada pelo carbonato de potassa, desenvolve organismos em condições da experiencia a que se não desenvolviam.

Descobertos estes factos, expandia-se a questão em nova direcção e tornava-se necessario proceder a experiencias para resolver esta nova face do problema.

Procurar conhecer a acção comparada da temperatura sobre a fecundidade dos esporos dos mucidíneas e dos germens que existem na atmospherica—tal

é o campo limitado, que devem abranger as novas experiencias de Pasteur. O methodo de Pasteur é o seguinte.

Raspa um fragmento d'amianto pelo cimo do bolor que procura estudar, e ao qual adherem os esporos reproductores. Introduz n'um pequeno tubo o amianto, carregado de esporos; e este interna o n'um outro, de maiores dimensões e em forma de U, onde elle possa mover-se livremente. Este tubo em U communica por uma extremidade com um balão, onde devem penetrar os esporos, e pela outra extremidade com um tubo de metal de 3 torneiras, que respectivamente o relacionam com a machina pneumatica, com um tubo de platina aquecido ao rubro e com o tubo em U.

O balão contem um liquido nutritivo, previamente sujeito á ebullição, e uma athmospherica d'ar calcinado: é fechado á lampada.

O tubo em U pode, conforme a temperatura a que devem submeter-se os esporos, contidos n'elle, mergulhar n'um banho d'azeite, d'agoa ordinaria ou salgada. Intermedio ao tubo em U e ao de platina está um tubo disseccador, cheio de *pedra pomes*.

Calcinado o ar que enche a parte do apparatuso que precede o tubo de platina, e conservado por tempo necessario o tubo em U no banho appropriado, quebra-se a ponta do balão, sem alterar as diferentes partes do apparatuso, o que abre a porta aos esporos, que agora, por uma conveniente inclinação do tubo em U, entram no balão.

Feche-se este á lampada e conserve-se n'uma estufa a 20.º ou 30.º.

Experimentando n'estas condições, pôde concluir Pasteur que a fecundidade dos esporos do *penicillium glaucum*, livre de humidade, conserva-se até 120.º e ainda 125.º, entre cujos limites se conservam os esporos dos outras mucidíneas ordinarias.

A 130.º destroe-se, para todas, a facultade de reproducção. As poeiras athmosphericas têm os mesmos limites de fecundidade.

Se na atmospherica existem estes germens capazes de se multiplicarem nos liquidos appropriados, não são elles, porem, tão communs n'ella que qualquer porção d'ar os contenha.

As experiencias, feitas por Pasteur, consistiam em expôr um balão da capacidade de 250 a 300 c. c., dos quaes 150 c. c. eram occupados por um liquido alteravel. Deixa-se ferver o liquido até que o ar encerrado no balão seja expulso pelo vapor; n'este momento fecha-se a extremidade á lampada e deixa-se arrefecer. O balão, com estas operações preliminares, era transportado a um logar determinado, cuja fecundidade atmospherica se desejava conhecer.

Abra-se ahi a extremidade do collo do ballão e o ar, entrando bruscamente, arrasta os germens fecha-se o balão á lampada e conserva-se n'uma estufa a 20.º ou o 3.º.

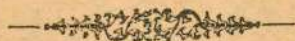
Na maioria dos casos observa-se o desenvolvimento de organismos, que offerecem d'especial uma maior variedade do que se o balão fosse exposto livremente ao ar: Pasteur pensa que na porção confinada d'ar que enche o balão, a distribuição dos germens é bastante regular, para que a acção d'uns não seja estorvada pela d'outros, que, se entrassem em grande numero, appropriariam a si o terreno com prejuizo dos restantes.

Os casos em que a improductividade é manifesta, são bastante numerosos, sobretudo quando as observações têm lugar a grandes altitudes.

Em face d'estas minuciosissimas experiencias, que só é capaz de levar a cabo quem, como Pasteur, vive para estes exclusivos trabalhos, os heterogenistas, depois de terem perdido successivamente terreno e acobertado atraz dos reduzidos baluartes, que, à medida que os trabalhos de Pasteur tomavam incremento, iam minguando, viram cahir, como um castello de cartas, uns após outros, esses falsos e fracos reductos, e, no fim de tudo, louvando a pericia do mestre, confessam a sua franca adhesão à theoria panpermista.

Dezembro de 1886.

A. V. Cid.



## TELEGRAPHOS E TELEPHONES

..... premio e doce gloria  
Do trabalho que faz clara a memoria.

CAMÕES — C. IX. E. XXXIX — LUSIADAS.

Por dois modos effectua a electricidade a transmissão instantanea da palavra a distancias longinquoas: — pela *telegraphia electrica*, a «palavra escripta» e pela *telephonia electrica*, a «palavra fallada».

E assim como na acção dos electro-imans energicos, e das correntes induzidas intensas, tem a razão de sêr a transmissão da força a distancias, e a producção da luz electrica; assim tem a razão de ser a telegraphia e a telephonia — «oriundas da electricidade» — na acção dos electro-imans fracos, e das correntes induzidas pouco energicas.

### TELEGRAPHOS

Não data a origem do telegrapho electrico dos nossos dias — «anterior ao telephone electrico vulgarissimo hoje» — senão desde WHEATSTONE de Londres em 1840. Só então o baseára elle na acção dos electro-imans; embora desde o seculo anterior ao nosso, tentassem os physicos por vezes a transmissão electrica da palavra a distancias.

Não são poucos actualmentn os systemas telegraphicos na electricidade baseados: — mas têm a razão de ser elles todos, na transmissão d'uma corrente — com intermittencias — a um electro-iman em distancia.

São *terrestres* uns dos «telegraphos», e *sobmarinos* os outros — «chamados *trans-athlanticos* tambem»: — e do «meio» em que funcçionam, é que o «nome» advem a uns e outros d'elles.

Nos *terrestres*, é n'uns *aerea* a transmissão, e *sobterranea* n'outros — em conformidade com a posição dos *firos conductores*.

Nos *sobmarinos*, dá-se aos *firos* o nome de *cabos*.

Nos *terrestres*, cabe o nome de *activos* aos «telegraphos», em que é mister mais d'um signal por letra. — E d'exemplo sirvam os *alphanumericos*, chamados tambem de *letras*, e de *mostrador* ou *quadrante*, com variedades de confecção; — os *escriptores* com analogas variedades, e de que o de MORSE é o melhor no ponto de vista da simplicidade e da solidez, embora em relação à rapidez o não seja tambem; — e os *impressores* com analogas variedades egualmente, e de que é o mais vulgarizado o do americano HUGHES.

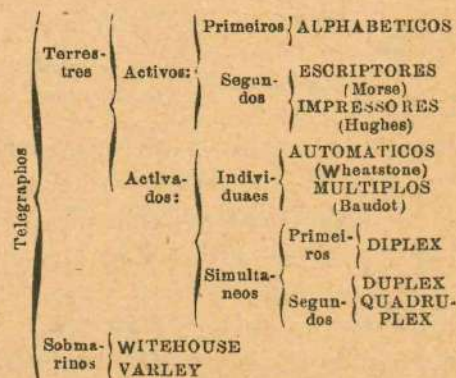
Aos *terrestres* de «transmissão simplificada», cabelhes o nome de *activados* — «rapidos, acelerados»: — e são de «acção individual» uns d'elles, e de «acção simultanea» os outros — com a designação commum de *transmissores*.

Dos «individuaes», sirvam d'exemplo os *automaticos*, de que é typo o *transmissor* de WHEATSTONE, conhecido com o nome tambem de JACQUARD *electrico*; e os *transmissores multiplos* egualmente, de que é o mais perfeito o *telegrapho* de BAUDOT.

Dos «transmissores simultaneos», ha-os de tres systemas diversos: — **DIPLEX**, com «dispositivo» para a *transmissão simultanea de dois communicados no mesmo sentido por um mesmo fio*; **DUPLEX**, com «dispositivo» para a *transmissão simultanea — pelo mesmo fio — de dois communicados em sentido contrario*; e **QUADRUPLIX**, com «dispositivo» para a *transmissão simultanea de quatro communicados pelo mesmo fio, dois no mesmo sentido, e dois em sentido contrario*.

Dos «telegraphos sobmarinos», dois são os systemas em maior voga conhecidos: um, devido a WHITEHOUSE; e outro, devido a VARLEY.

Eis aqui em «resumo synoptico» as linhas expendidas — «como auxilio da memoria»:



Se quizermos comparar entre si os *telegraphos terrestres*; e tomarmos como *unidade* para isso o numero de *communicados* de 20 palavras no decurso

de uma hora expedidos; eis-ouqui o «quadro comparativo» dos systemas principaes:

Telegrapho MORSE	{	Simples .....	25
		Duplex.....	45
Telegrapho HUGHES	{	Simples .....	60
		Duplex.....	110
Telegrapho WHEATSTONE	{	Simples.....	90
		Duplex.....	160
Telegrapho BAUDOT	{	.....	240

Por isso com rasão é considerado hoje o *telegrapho* BAUDOT—«em confronto com os demais»—como assombro electrico de *precisão e celeridade*.

### TELEPHONES

Não data senão de 1876 a *telephonia electrica* em typo scientifico—«embora anteriormente no campo da physica a rastreasse a observação».

Apesar de «novel» com tudo nos seus 10 annos d'idade apenas; não são escassos em numero hoje os «systemas telephonicos», de que *dois* são na essencia os *typos capitaes*: TELEPHONES MAGNETICOS, e TELEPHONES ELECTRO-CHIMICOS—usualmente conhecidos como TELEPHONES DE PILHA.

Dos «magneticos», é typo de confecção o *telephone* de BELL—pelo professor GRAHAM BELL na Philadelphia ideado em 1876.

Dos «electro-chimicos», é typo de confecção o *telephone* de ADER—quasi com exclusão empregado nas «linhas telephonicas» de França:—mas entra na mesma classe o *photophone de Bell*, pelo mesmo professor da Philadelphia ideado ultimamente, com supressão completa de *fios conductores*—e que elle substitue por um *raio luminoso*, ligador natural das duas «estações telephonicas».

A estes «electro chimicos», dá-se-lhes o nome tambem de *telephones microphones*—«quando antonomicamente se não appellidam *microphones* apenas.

Do *heliographo* MARTINS—invento patrio recentissimo—aquí opportunamente á auctoria chamado—em artigo especial lhe cumpriria a menção.

Eis-aquí em «resumo synoptico»—*auxiliador da memoria*—as linhas ao assumpto consagradas:

Telephones	{	Magneticos	{	Telephone BELL
		Electro-chimicos		Telephone ADER
				Photophone BELL

Em 1881, inauguraram-se em Paris—«na exposição de electricidade»—as *audições theatraes* dos «telephones», com applauso surprehendente dos apreciadores:—e ficaram desde então não servindo *elles* unicamente para os «convivios verbaes,» em que são no entanto com profusão empregados em regra.

E com rasão é preferida hoje a *telephonia* á *telegraphia*—«embora da electricidade oriundas ambas».

São com effeito menores as despezas dos «apparehos telephonicos»:

São mais simplicies que os *telegraphos* os *telepho-*

*nes*, e de menos desarranjos machinaes por isso mesmo:

Nenhuma aprendizagem d'uso exigem os *telephones*, exiginpo-a no entanto os *telegraphos*:

E' finalmente uma conversa animada—«como os convivios de sala»—a «communição telephonica» de *duas estações*.

Com estes dados em vista, *officialmente* se tem multiplicado no paiz as *estações telephonicas*—«nos ultimos tempos»—em preferencia ás *estações telegraphicas*.

Longo era o estadio aquí, para amplos transcurros no assumpto.

Limitar-me-hei no entanto ao pouco expendido—não podendo deixar de findar com o CAMÕES DOS LUSIADAS—Cant. III. Est. IV:

«Irei contra o que devo, e serei breve»

Braga, 1 Dezembro 86.

O Decano do Lyceu, *Pereira-Caldas*.

D. JOÃO

A GUERRA JUNQUEIRO

D. João, esse tragico vadio  
Das ultimas camadas soeiaeas,  
Que tinha impressas no olhar sombrio  
Umhas paixões torpissimas, fataes...

Esse cofre de vicios collossaes,  
O livido canalha que sentia  
O peso enorme, no seu peito frio,  
Das podridões dos velhos hospitaes

D. João—o Romeu das Messalinas,  
Cantaste-o tu n'umas canções divinas,  
Em paginas de rimas frescas, bellas,

Cantaste-o em versos que beijou a fama,  
Como quem n'um delirio embrulha lama  
N'um lençol suavissimo d'estrellas!

*Augusto de Mesquita*

## SECÇÃO DE XADREZ

Fui encarregado da secção de xadrez, que hoje abro e que tenciono sustentar quanto me for possivel.

Não começarei, como foi promettido no ultimo numero, pelos problemas e pelas partidas que se jogaram entre Lisboa e Porto e isto porque ainda não ha na typographia o material sufficiente para a impressão dos problemas e porque me não foi possivel obter já as partidas a que acima me referi.

Tenciono publicar, em primeiro logar, todos os problemas de xadrez, feitos por portuguezes.

As partidas serão anotadas; bem sei que sou incompetentissimo e por isso mesmo commetterei desatinos, n'essas apreciações, desatinos de que peço, desde já, desculpa aos leitores. Com muito gosto re-ctificarei qualquer erro que commetta e que me apontem, prompto e disposto, como estou, sempre a aprender.

As partidas que começam hoje a ser' publicadas, foram jogadas entre C. V. e dr. Malheiro, por correspondencia do Porto para a Regoa. Na primeira, o Porto tem as Brancas, e Regoa as Negras e, na segunda, o inverso. Foram começadas no dia 15 d'Agosto de 1885.

**1.ª partida**

Brancas (Porto—Dr. Malheiro)      Negras (Regoa—C. V.)

- |            |            |
|------------|------------|
| 1. P 4 D   | 1. P 4 D   |
| 2. P 4 B D | 2. P A P   |
| 3. P 3 R   | 3. P 4 R   |
| 4. B A P   | 4. P A P   |
| 5. P A P   | 5. C 3 B R |

**2.ª partida**

Branco (Regoa—C. V.)      Negras (Porto—dr. Malheiro).

- |            |            |
|------------|------------|
| 1. P 4 R   | 1. P 4 R   |
| 2. P 4 B R | 2. P A P   |
| 3. C 3 B R | 3. P 4 C R |
| 4. P 4 B R | 4. P 5 C R |
| 5. C 3 R   | 5. C 3 B R |

J. C. V.

**EM FAMILIA**

(PASSATEMPOS)

**PEQUENA CORRESPONDENCIA**

E. Leitão — Porto. — Dissemos, no ultimo numero, que não publicavamos charadas que não viessem acompanhadas das suas soluções. Não leu isto?

A. Malheiro — Porto. — O logogripho não está em termos de se publicar.

Como no ultimo numero saíram erradas as charadas dos ex.<sup>mos</sup> srs. J. Lopes e Rei Chiquito, não damos hoje a solução.

**CHARADAS**

**Novissimas**

Esta mistura no casaco é de ferro 1—2.

Esta deusa com este verbo e este animal é villa 2—1—1

Porto.

J. C. V.

Corre e anda com tres pés—1—1

Porto.

J. E. T. Lopes.

Na musica este verbo aqui é um passaro I—1—1.

Esta villa e este homem é appellido 2—2.

Porto.

Rei Chiquito.

Em casa este animal é animal 2—2.

Na musica esta flôr tem graça—1—3

Na musica e na musica é de vida por cheirar bem—1—1

Barcellos.

A. C.

**Electrica**

A's direitas verbo, ás avessas nas arvores 2.

A's direitas na zoologia, ás avessas nas folhas—3

Porto.

J. C. V.

**Em triangulo**

- . . . . . Nome
- . . . . . Nome
- . . . . . Nome
- . . . . . Nome
- . . . . . Verbo
- . . . . . Artigo

Barcellos.

A. Coelho.

**Pergunta enygmatica**

Em que se parece um pelintra comigo?

Soares.

**ENYGMATA**

MARK A<sup>R</sup>  
M A K

J. C. V.

## PROBLEMA

Em dois liquidos, cujas densidades são representadas por  $1 \frac{1}{4}$  e  $\frac{7}{4}$ , mergulhou-se uma esfera de densidade de 1,5. Suppondo-se que os liquidos se não misturam e estão em equilibrio estes tres corpos, quer-se saber o volume de cada liquido deslocado.

## DECIFRAÇÕES

Da charada em mappa—c o t a

t a c o

Da charads em verso— s a p a t o

Da charada em quadro— g a m o

a t a r

m a c a

o r a r

Da charada em triangulo:

A m e l i a  
m a r i a  
e r a s  
l i s  
i a  
a

Do enigma—antemilha

## ERRATA

Nas decifrações das charadas publicadas no 3.º numero, sahiram erradas as soluções das charadas dos Exc.<sup>mos</sup> snrs. J. E. T. Lopes e Rei Chiquito.

E, como as charadas d'estes dois cavalheiros sahiram errados, são hoje novamente publicadas.

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

EM BARCELLOS		FÓRA DE BARCELLOS	
Anno.....	1\$400 reis	Anno .....	1\$500 reis
Mez.....	120 "	Mez.....	140 "

Direcção e administração — Barcellos — Rua Direita.

## ANNUNCIOS

### CONTRA A TOSSE

#### Xarope peitoral James

UNICO legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro.

Deposito geral na pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito

**Pharmacia—FRANCO**

**BELEM**

### CONTRA A DEBILIDADE

#### FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO

UNICA LEGALMENTE AUCTORISADA E PRIVILEGIADA

É UM TONICO reconstituente, e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digistão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos de peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro.

Deposito geral na Pharmacia-FRANCO, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito:

**Pharmacia—FRANCO**

**BELEM**

### Vinho nutritivo de carne

*Privilegiado e auctorisado pelo governo e approvado pela Junta Consultiva de Saude Publica*

É O MELHOR tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem os musculos, e voltam as forças. Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro.

Deposito Geral

**Pharmacia—FRANCO**

**BELEM**